

ENTREVISTA

PARQUES E RESERVAS NO BRASIL - A IMPORTÂNCIA DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Prof. Geraldo Moraes MAJELA Salvo

Biólogo e ambientalista do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSUDESTEMG). Mestre em Ciências Biológicas – Comportamento e Ecologia Animal (UFJF) e Doutor em Engenharia Florestal (UFLA). Líder do Grupo de Pesquisa e fundador do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Áreas Naturais Protegidas do Instituto. Professor e pesquisador em Ecologia e Biologia da Conservação. É fundador e ex Presidente Nacional da ONG Grupo Brasil Verde. Em 2016, recebeu o prêmio “Governador Enrique Tomás Cresto” concedido pelo Senado da Argentina pela distinção como líder para o desenvolvimento na América Latina. Em 2019 recebeu a Medalha IFEC de Cidadania outorgada pelo Instituto Interamericano de Fomento à Educação, Cultura e Ciência, órgão afiliado a ONU, por sua reconhecida ação nacional e internacional em prol da dignidade da vida sob todas as suas formas. Membro da Comissão Mundial de Áreas Protegidas (CMAP) da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).



AMBCIÊNCIAS: Prof. Geraldo Majela, obrigado por ter aceito nosso convite. Sua formação é em Ciências Biológicas, mas, como você se envolveu especificamente com a questão das Unidades de Conservação no Brasil?

Majela: É um prazer enorme ter esse espaço para conversar sobre o nosso trabalho. Bom, como você disse, eu sou biólogo, mas ainda no final da graduação, meados da década de 1990, é que tive contato com o tema Unidades de Conservação. Lembro basicamente de dois momentos: o primeiro de ler um livro publicado na década de 1980 pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) sobre Parques e Reservas brasileiras, coisa que a gente nem ouvia falar na faculdade; e quando terminamos a graduação, eu e mais quatro amigos criamos uma ONG chamada Grupo Brasil Verde, cujo objetivo era viajar e conhecer a natureza, e aprender na prática tudo aquilo que tínhamos estudado intensamente na teoria durante as aulas da graduação. Ir para natureza significava conhecer esses Parques e Reservas o que me chamou então a atenção para esse importante patrimônio brasileiro. Logo passei a estudar e dedicar-me à tais áreas. Visitando essas Unidades de Conservação, fui aprendendo um pouco da complexidade e dos desafios dessa estratégia como principal método de preservação da natureza brasileira. Adicionalmente, em 1998, fiz um curso muito especial que estava sendo oferecido pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza em parceria com a Universidade Livre do Meio Ambiente de Curitiba, lá eu tive a chance de estudar com algumas das pessoas que construíram o Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza (SNUC). Naquele momento ele estava começando a ser concebido em forma de lei. A partir daí foi um envolvimento muito forte, fiz vários cursos, participei dos Congressos Brasileiros de Unidades de Conservação e comecei a difundir esse tema Brasil afora e fora do país.

AMBCIÊNCIAS: A ciência envolvendo a gestão de Parques e Reservas no Brasil é recente. Como você olha para esse histórico na questão do uso desses espaços pela população brasileira?

Majela: Quando a gente fala da ciência e da gestão dos Parques e Reservas do Brasil, além das outras categorias de Unidades de Conservação (UC), tivemos de fato um avanço importante. Durante muitos anos houve um certo conflito entre pesquisadores e gestores dessas áreas. Por um lado, os gestores criticavam os pesquisadores que não retornavam seus dados e suas pesquisas, por outro lado os pesquisadores criticavam os gestores pela falta de apoio ao desenvolvimento de seu trabalho. Felizmente com o tempo e principalmente com a criação do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), essa distância encolheu bastante, e hoje há um diálogo forte entre pesquisadores e gestores de Unidades de Conservação. Há uma mudança muito clara, antigamente essas áreas serviam apenas como laboratórios a céu aberto onde se estudavam questões relacionadas a fauna e flora, hoje grupos como o nosso aqui, o Grupo de Pesquisas em Áreas Protegidas (GAP) do IFSUDESTEMG, além de estudarmos a biodiversidade das UC, nós também estudamos a própria Unidade, no sentido de dar apoio ao planejamento e a gestão de um Sistema Nacional de Unidades de Conservação que seja mais eficiente e efetivo. Inclusive acabamos de publicar um artigo que mostra claramente essa mudança de percepção de um momento e de outro da história da conservação no Brasil. Com relação ao desafio e o uso desse espaço pela população brasileira, ainda é muito incipiente. O Brasil tem um número pequeno de visitantes aos Parques Nacionais, se comparado com muitos países. Associamos isso ao que eu chamo de invisibilidade econômica das nossas Unidades de Conservação, ou seja, a população brasileira ainda não tem o mesmo sentimento de pertencimento que tem pelo futebol ou pelo samba. No entanto, nós precisamos avançar, para que as nossas Áreas Protegidas tenham também essa valorização pela sociedade.

AMBCIÊNCIAS: De uma forma resumida Professor, quais são os grandes gargalos para um melhor aproveitamento desses espaços pelo cidadão?

Majela: Bom, esse é um grande desafio da gestão das Unidades de Conservação. Como me referi na questão anterior, nós precisamos avançar na popularização e abrir, sobretudo nossos Parques, ao contrário do que foi feito nas últimas décadas, em que essas áreas foram literalmente fechadas. Precisamos receber o público e para isso necessitamos de infraestrutura



adequada. Inclusive uma infraestrutura capaz de receber todo tipo de público, assim, acessibilidade é um tema forte. Hoje, o Brasil tem avançado bastante nas concessões, por exemplo do uso público, e isso, acredito que pode fortalecer ainda mais os números de visitação nas nossas UC. A concessão é polêmica, mas é benéfica. Precisamos discutir os modelos de concessão e como elas estão sendo feitas, mas acho que são o caminho inevitável para tornar as nossas Unidades de Conservação ainda mais visíveis à sociedade, e capazes de receber um número de turistas que a natureza brasileira merece, porém há de se destacar sempre o objetivo central das UC que é a conservação da natureza. Temos o desafio de encontrar o equilíbrio entre popularizar essas áreas e não permitir que sejam transformadas em zoológicos do tipo safari e nem que promovam festivais carnavalescos resultante do excesso de visitantes, muito menos que se transformem em parques de diversão convencionais.



AMBCIÊNCIAS: Você é docente de um programa de Pós-graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Áreas Naturais Protegidas. Existem já formados atuantes na área? Quais têm sido os grandes desafios do programa?

Majela: Nós temos um curso de pós-graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Áreas Naturais Protegidas, no Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais, Campus Barbacena. Este ano estamos completando dez anos, um marco histórico. Vale ressaltar que é um dos raros cursos de especialização na área de planejamento e gestão de Áreas Protegidas oferecido regularmente no Brasil, servindo inclusive de modelo para novas iniciativas. Hoje, nós estamos com cerca de oitenta defesas de monografia, gerando artigos e conhecimento técnico-científico. E, sim, muitos já estão atuando na área, sejam como gestores de Unidades de Conservação, sejam como membros de conselhos ou mesmo como consultores, trabalhando no planejamento de novas áreas. Logo, o curso é um grande sucesso. Nós estamos, depois de dez anos, discutindo a possibilidade de uma reformulação para transformá-lo em curso à distância ou parcialmente à distância, posto que a pandemia nos obrigou a buscar essa adequação e tivemos resultados muito positivos. Por fim, nosso grande desafio é ampliar as possibilidades de ingresso, principalmente, com pessoas de todo o Brasil.

AMBCIÊNCIAS: Professor, durante a pandemia trabalhou em um projeto na qual procurou entrevistar grandes nomes relacionados às Unidades de Conservação no Brasil. Pode falar um pouco do que foi essa proposta?

Majela: Durante a pandemia, nós tivemos que nos reinventar. Eu tive a chance de colocar em prática um projeto que sonhava a muito tempo, que era de dialogar com grandes nomes da conservação do Brasil, principalmente, aqueles que



ajudaram em sua construção, que ainda estão vivos ou que conviveram com eles. Nesse contexto, nós gravamos uma série de programas, que está disponível na página do YouTube do Grupo Brasil Verde, chamado Diálogos sobre Ciência e Natureza. Nós gravamos vinte e cinco programas, uns maiores, outros menores, mas com essa perspectiva de contar e registrar a história da conservação no Brasil. Foi uma experiência incrível. Grandes nomes aceitaram o convite, mas os assuntos não foram esgotados e estamos pensando em uma segunda edição. Conversei, por exemplo, com ex-ministros do meio ambiente, pessoas que contribuíram na criação de ONGs e importantes projetos de conservação no Brasil, além de outras que ajudaram a elaborar o capítulo de meio ambiente da Constituição Brasileira. Embora tenha sido quase que uma atividade amadorística, nós conseguimos registrar muitas histórias interessantes, assim, vale a pena assistir os programas.



AMBCIÊNCIAS: Majela, você organiza um curso de campo, com uma história muito interessante que permite que os participantes conheçam um dos redutos da Mata Atlântica mais bem preservados. Pode nos contar um pouco sobre esse curso? Como ele surgiu, quais seus propósitos e quem pode participar?

Majela: Realmente nós temos um curso de campo que já está muito consolidado, criado em 2002, seguramente o curso de campo mais antigo a ser ofertado regularmente no Brasil. Dessa forma, já são vinte e um anos de curso, com trinta edições, com participantes de diferentes origens, idades e formação. O curso chama-se Expedição à Mata Atlântica (Curso de campo em Ecologia e Conservação da Mata Atlântica), que realizamos em janeiro, na cidade de Guaraqueçaba no Paraná. É um lugar muito privilegiado pela sua riqueza em Unidades de Conservação e pela sua diversidade cultural. Por outro lado, um local com muitos conflitos ambientais, cujo isolamento permitiu que se mantivesse preservada uma grande área de Mata Atlântica, entretanto, do ponto de vista econômico, é uma área muito pobre. Sendo assim, um dos desafios é equacionar esses dois lados. O curso tem ajudado a entender, além de discutir com pessoas de diferentes áreas, estratégias para um desenvolvimento do município, sem degradação ambiental, já que a natureza é o maior patrimônio daquela



região. Fica o meu convite, a partir de agosto começam as inscrições para a turma de janeiro do ano seguinte. É uma experiência de vida, muda a percepção das pessoas que participam no curso, permitindo uma vivência extraordinária com populações tradicionais e trazendo novas reflexões sobre o desafio da conservação da natureza. Vocês podem encontrar todas as informações em nossas redes sociais “Expedição à Mata Atlântica”, estamos no WhatsApp, no Facebook e no Instagram. Também mantemos no site do Grupo Brasil Verde todas as informações sobre o curso.

AMBCIÊNCIAS: Professor Majela, quer deixa uma mensagem final?

Majela: Eu quero terminar agradecendo mais uma vez essa oportunidade e desejando muito sucesso à revista. Este periódico está se construindo com muita solidez, pela seriedade do trabalho dos seus editores e me coloco à disposição sempre que for preciso para que possamos continuar contribuindo com a conservação no Brasil. Agradecer também ao Marcos, por abrir esse espaço, para que a gente possa tratar desse tema tão importante que são as Unidades de Conservação brasileiras, uma grande oportunidade para que exercitemos a necessária reconexão com a natureza que vai promover uma sociedade mais saudável, mais justa, e mais igualitária. Eu tenho certeza de que essas Áreas Protegidas são a nossa grande oportunidade de alavancar o desenvolvimento econômico brasileiro principalmente das cidades menores onde ainda existe natureza preservada e muitas vezes não protegida.